



A ARTE

MUSICAL

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Praça dos Restauradores, 43 a 49
LISBOA



14^{bis}, Boulevard Poissonnière.

Commendador da ordem de Christo (1894)

Fabricação annual.....	3:000
Produção até hoje	119:000

Exposição Universal de Paris (1900)

Membro do Jury—Hors concours

BECHSTEIN

FORNECEDOR DAS CORTES DE SS. MM.
 o Imperador da Alemanha e Rei da Prussia.—
 Imperatriz da Alemanha e Rainha da Prussia.—
 Imperador da Russia.—Imperatriz Frederica.—
 Rei d'Inglaterra.— Rei de Hespanha.— Rei da Romania.—
 SS. AA. RR. a Princeza Real da Suecia e Noruega.— Duq e de Saxe Coburgo-Gotta.—
 Princeza Luiza d'Inglaterra (Marqueza de Lorne).
 BERLIN N.—5-7, Joannisstrasse.
 PARIS.—334, Rue St. Honoré.
 LONDON W.—10, Wigmore Street.

LEWIS RHEAD

OSCAR BRANDSTETTER
 LEIPZIG
 Grandes officinas
 de IMPRESSÃO DE MUSICA
 em todos os generos
 Typographia, Lithographia
 Autographia
 Composição mechanica
 Machinas rotativas
 Instalações especiais
 para grandes
 tiragens

*** Lambertini ***

REPRESENTANTE —
 — e Unico depositario
 — DOS —
 CELEBRES PIANOS
 — DE —
BECHSTEIN
 — PRAÇA DOS RESTAURADORES



Redacção e administração: PRAÇA DOS RESTAURADORES, 43 a 49—Comp. e impresso na Typ. PINHEIRO, Rua Jardim do Regedor, 39 e 41

SUMMARIO: — Chardin. — Curiosidades musicas. — Bibliographia. — Carta das Caldas. — Variedades. — Noticiário.

Chardin (Jean-Baptiste Siméon)

(1679-1779)

L'homme au violon

Repellindo desdenhosamente os quadros de Teniers, Luiz XIV, arbitro do gosto e das inclinações da côrte, dictador da sociedade mundana, dava uma nota flagrante do criterio que dominou a arte franceza nos fins do seculo XVII e em todo o seculo XVIII, precursor de 1789. N'uma floração d'arte, gracil e encantadora, marcada com grande estylo, em que se sente o genio da França e em que se affirma a sua primacial qualidade — a clareza —, corre a louca *farandole*, guiada pela despreocupada alegria e presidida pelos caprichos das galantes cortezãs dos reinados de Luiz XIV e Luiz XV, e pela levandade ingenua d'outra cortezã coroada. O triumpho do *Amôr*, as graças d'uma sociedade vivendo do prazer e para o prazer, constituiram os *leit-motifs* de Lemoine, Watteau. Boucher, Fragonard, Bandoin e de quantos artistas se acolheram á sombra de



Versailles e das pequenas côrtes, improvisadas pelo Rei-Sol e pelo seu successor nos maravilhosos palaeios das favoritas.

Ao bello succedera o bonito, e a verdade tinha de esconder-se nas dobras da lisonja e submeter-se aos costumes dominantes, costumes facéis revestidos de sedutoras apparencias.

La Tour, proclamando corajosamente deante de Luiz XIV a independencia do artista, e Chardin dedicando a sua arte aos motivos colhidos na sociedade burgueza, destoaram no concerto destinado á apothese do fausto e das grandezas aristocraticas. Chardin foi um pintor honorario da côrte, não logrou penetrar em Versailles, nem conseguiu impôr-se nos dominios conquistados por Watteau e Boucher.

A marquezia de Pompadour, de seu verdadeiro nome Jeanne Poisson, devia repellir todas as recordações d'uma origem, que era preciso subverter para lustre da sua recente nobilitação. Quadros mythologicos, episodios religiosos adaptados á vida mundana, pastoraes aristocraticas, taes eram os assumptos, que mais reclamavam a imaginação dos artistas. *La mère laboricuse*, *Une ménagere*, *Le Benedicite*, *Une pourvoyeuse* e outros tantos *tableautins* da vida burgueza,

pintados pelo grande observador e colorista que foi Chardin, seriam o *Mané*, *Thecel* e *Pharés* nos festins de Jeanne Poisson e a representação de vida e costumes, a que uma altiva aristocracia queria ser estranha.

E comtudo Chardin é um dos maiores, entre os grandes mestres do seculo XVIII. Reatando a tradição da arte intimista da França, da Hollanda e das Flandres, do seculo anterior, interpretando com severa graça as virtudes domesticas de classes, que eram a reserva do futuro da patria, bem mereceu que os Goncourt, acompanhando a evolução lenta e convencida da sua obra, dissessem — *le genie du peintre sera le genie du foyer*. E não se limitou a uma esthetica fundada na observação e na verdade; associou-lhe uma technica, que causou admiração n'um meio em que floresceram grandes obras-primas, e um tal conhecimento de valores e junção de côres, que lhe permitiu alcançar effeitos, que fizeram a gloria d'alguns grandes mestres da Hollanda, da Hespanha e da Italia.

A arte sincera e commovida de Chardin, que dedicou á mulher e ás creanças as suas mais bellas paginas, continúa a obra dos francezes e hollandezes do seculo XVII, recordando de preferencia o criterio familiar de Abrahão de Bosse, dos Zenain, de Dow, Metz, de Van der Meer. Na mesma esteira seguiriam alguns grandes artistas, seus contemporaneos, se não fôra a sollicitação dos caprichos d'uma sociedade decadente e o dominio iniludivel das correntes da epoca sobre a arte. Basta lembrar alguns famosos pastéis de La Tour, traduzindo admiravelmente a physionomia moral das figuras; o retrato da Rainha Maria I. esczinska, despidido de todo o artificio e reflectindo o espirito d'abnegação e a distincção nativa da mulher de Luiz XV; a obra-prima de Greuze *L'accordée de Village*, em que se revela o mesmo espirito de raça, que inspirou Meissonier, Bail, Friant e muitos artistas contemporaneos, designadamente os paysagistas da escola de 1830 e os Vendeannos.

Assim reconhecemos na obra, aparentemente humilde, de Chardin o élo d'uma tradição que affirma a intima união da arte com os elementos em que se fixa o character nacional. E' a pintura anedoctica, sem duvida, a que floresce nas telas de Chardin; mas pela verdade mais vale do que a obra emphatica e pomposa, destinada a perpetuar a memoria d'um mundo hostile ás legitimidades reivindicadas do progresso social.

Entre Chardin e Watteau ha na philosophia da arte o abysmo equivalente áquelle que separa os encyclopedistas dos defensores da velha monarchia franceza. A arte dominante

no seculo XVIII foi expressão exacta d'uma sociedade privilegiada; a arte de Chardin fixa imperecivelmente aquella fracção, que é depositaria das mais fortes virtudes patrioticas.

GUIDO.



Curiosidades musicas

(Continuado do numero antecedente)

IX

A familia dos Schiopettas

Nos fins do seculo XVIII, primeira metade do seculo XIX, existiu em Lisboa uma familia de artifices e artistas, cujo appellido, Schiopetta, está denunciando procedencia italiana.

O mais antigo vem mencionado, sem designação de nome proprio, a pag. 228 da «Collecção de Memorias» de Cyrillo Volkmar Machado, obra posthuma, publicada em Lisboa em 1823. Refere-se ali a um certo Schiopetta, marceneiro, que fez algumas obras no theatro do Salitre, onde morreu, victima do seu officio, entalado n'um alçapão. Acrescenta o mesmo auctor que elle deixara um filho, chamado Domingos Schiopetta, pintor theatral de ornato e figura, tendo sido discipulo de Mansonechi e tambem de Felisberto.

Na galeria de retratos da Bibliotheca Nacional de Lisboa ha dois, de corpo inteiro, pintados sobre tela por Domingos Schiopetta, um no anno de 1824, outro no de 1825. O primeiro de D. Fr. José Maria de Sant'Anna, e o segundo de D. Fr. Manuel da Encarnação Sobrinho.

Conhecem-se tambem estampas do mesmo artista em opusculos e folhas volantes relativas á guerra peninsular.

Alem de pintor, foi igualmente musico, compondo, ou antes adaptando trechos de operas italianas a numerosas «modinhas», muito vulgares e apreciadas no primeiro quartel do seculo XIX, entre as quaes a memoravel «Joven Lilia abandonada», letra do primeiro visconde de Castilho.

O sr. Ernesto Vieira inclue no seu «Dictionario Biographico de Musicos Portuguezes», o nome de Domingos Schiopetta, a quem attribue o acompanhamento da *Joven Lulia*.

Consultando sobre este ponto o meu

amigo, sr. Visconde de Castilho, eis o que o illustre escriptor teve a gentileza de me communicar em carta de 26 de junho do corrente anno, a qual peço venia para transcrever :

«Isso para mim é novo. Nunca ouvi falar em que Schiopetta compozesse musica para a *Joven Lilia*. Possui uma pasta com varias melodias feitas a poesias de Castilho, inclusivamente dois hymnos a elle. etc., mas ahí não figura Schiopetta. A *Joven Lilia* está, sim com musica de Francisco de Paula Sant'ago, isto é, com a adaptação de um motivo da *Semiramis* de Rossini aos lindissimos versos castilianos, que tanta voga tiveram. Não é provavel que dois musicos fizessem a mesma adaptação. Onde Vieira foi buscar a noticia que dá, é que eu não sei; provavelmente confusão. Sempre ás ordens, etc.».

Conheço outro Schiopetta, ácerca do qual não me lembra ter visto até agora publicada nenhuma noticia, e soube da sua existencia pelos autos de um pleito que se levantou na regencia de D. Miguel, em 1829, entre a corporação dos ourives de ouro e diversos fabricantes de bijouteria, que faziam perigosa concorrência áquelles, não estando alistados na sua bandeira, antes exercendo livremente a profissão.

Este pleito é muito curioso, não só para a historia da ourivesaria, como tambem para a das artes metallicas em Portugal, mostrando-nos como ellas se exerciam com certo brilho e actividade, não obstante decorrer um periodo de profundas agitações politicas. Os bijouteiros eram tambem ourives e lapidarios, com a differença que não se limitavam a trabalhar em ouro e prata, mas ainda em outros metaes. A «Junta do Commercio» favorecia-os, concedendo-lhes licenças a titulo de estabelecerem fabricas de novos productos.

Alguns d'elles eram estrangeiros e, ao que parece, artistas de não vulgar merecimento. Entre elles citarei um, talvez o mais notavel, Paul Mallet, francez, que, entre outros trabalhos importantes, diz ter esmaltado as medalhas «que o senhor D. João VI, que no céu descance, mandou esculpir». Não sei quaes sejam as medalhas a que se refere, pois o periodo, em que isto se relata está obscuramente redigido. O sr. Arthur Lamas não teve conhecimento d'esta particularidade, pois a ella não se refere nos seus opúsculos sobre medalhas até agora publicados. E' portanto um caso curioso a investigar.

No rol d'estes mesmos bijouteiros figura Antonjo Carlos Schiopetta, que tinha officina na rua de Estevão Galhardo, 11, 5.º andar,

proximo ao Loreto. Dizia ter executado perfeitamente muitas obras, não só pelos riscos antigos, como tambem por outros da sua invenção, que lhe mereceram applausos, tanto em Portugal, como no estrangeiro.

Eis o que pude até agora averiguar ácerca dos Schiopettas, de cuja familia não sei se ainda restará alguma descendencia em Lisboa.

X

Fr. João das Neves. — Um miniaturista de livros de côro. — Uma lição de musica divina

Quando ha mezes se pôz a descoberto uma parte do precioso thesouro de reliquias da igreja de S. Roque, verificou-se que um dos relicarios era adornado com uma bonita miniatura sobre pergaminho, trabalho de certo merecimento, embora o desenho não seja de todo irreprehensivel.

Este quadrinho não é anonymo, pois tem ao lado, inferiormente, a seguinte subscrição :

P. Fr. Joannes de Nivib. ord. S.^{ti} Aug. Pinxit.

Ao centro vê-se N. S.^a sentada, tendo d'um lado o Menino Jesus e do outro o Baptista, tambem criança. Ao lado e por detrás S. José. No alto é ao fundo um côro de anjos a cantar e um d'elles tocando. Os Meninos e a Senhora sustentam livros em que se vêem notas musicas. E' uma lição de musica divina.

Por baixo da estampa lêem-se os seguintes versos :

Ecce Senex, et Virgo Dei Rectoris Olympi;
In genus humanum, mun. ra laeta caneunt.
Hic Baptista sedes, Hic in complexibus almae,
Matris Christe sedes, Biblia sacra docens
Hos circumfusi sacrum Paeana canentes
Aligeri coetus, turbaque larga poli.

Tendo alguma duvida sobre a interpretação d'estes versos dirigi-me a um illustre escriptor, a quem são familiares os classicos latinos, e elle mimimoseou-me com a seguinte tradução :

«Eis ahí o velho, e a Virgem de Deus Regedor do Céu, cantando alegres melodias para o genero humano. Aqui, ó Baptista, te assentas; aqui te assentas entre os abraços de tua veneravel Mãe. ó Christo, ensinando as sagradas Escripturas. Em volta d'estes, e cantando um hymno sacro, as legiões aladas e a extensa turba do Céu.

Cuido que o meu douto amigo se equivocou, lendo, no segundo verso, *numera* em vez de *munera*, pelo que julgo que deve

ser vertido do seguinte modo: «Cantando os gratos beneficios feitos ao genero humano»; e se não fôra o ponto e virgula no primeiro verso, eu interpretaria assim os dois:

«Eis aqui o Ancião e a Virgem que cantam os gratos beneficios feitos ao genero humano por Deus Regedôr do Céu». Os latinistas lavrarão o parecer final.

ram recolhidos á Bibliotheca Nacional numerosos livros de côro, colleção notabilissima, sob mais de um aspecto, já pelos ornatos de couro e de metal das suas encadernações, já pelo trabalho de caligraphia e miniatura. Isto não fallando na essencia dos mesmos livros; na sua parte musical

No numero 10 — volume 11, da quarta serie — do *Boletim da Real Associação dos En-*

genheiros Civis e Archeologos Portuguezes, publicou o sr. Gabriel Pereira uma interessante noticia ácerca d'aquelle convento, rematando a com a enumeração dos seus vinte e seis livros coraes. Entre estes distinguem-se alguns, os mais antigos, que havia n feito parte de outros conventos annexos, o da Annunciada e o da Rosa.

O numero 26, todo de pergaminho, encadernado em velludo verde com adornos de metal, tem 78 folhas numeradas, e, segundo o titulo que se lê na primeira, é uma colleção de Hymnos, que se cantavam nas solemnidades do anno no côro do convento consagrado a N. Senhora do Rosario. No verso do folio 78, dentro de um ornato feito á penna, lê-se a subscrição final, em latim, declarando que Fr. João das Neves, frade da Ordem de S^{to} Agostinho, fizera to lo o livro no anno de 1654. No principio ha uma grande illuminura, representando S. Domingos, de joelhos, ante N. Senhora, a qual de manto aberto, abriga, do lado esquerdo freiras, e do direito frades de S. Domingos. Por detrás, a vista da cidade. Só por esta ultima circumstancia, bem merecia que fosse



Miniatura de Frei João das Neves

Trasladada em vernaculo a subscrição da estampa, vê-se que o seu auctor, frade da Ordem de S.^{to} Agostinho, se chamava Fr. João das Neves, nome completamente desconhecido nos annaes da nossa pintura. Existem, porém, como não se tardará a vêr outras provas da sua actividade que nos delimitam a epocha em que ella se manifestou — 1654.

Do extincto convento de S.^{ta} Joanna, de Lisboa, ao fallecer a sua ultima freira, fo-

reproduzida como importante subsidio para o estudo iconographico de Lisboa.

Alem d'estes codices, ha outros dignos de nota, por nos darem os nomes de illuminadores e caligraphos, como o de João Fernandes, capellão do cardeal-infante, o qual floresceu no primeiro quartel do seculo XVI, e o de Soror Antonia, que viveu na segunda metade do mesmo seculo. São livros que pertenceram primitivamente ao convento da Annunciada.

Ha bastantes annos, quando ainda o podia fazer por meus proprios olhos, examinei alguns livros d'esta colleção e tirei breves apontamentos, de que vou especificar o seguinte, por conter uma particularidade, que se não encontra na lista do sr Gabriel Pereira. Na pasta de um d'elles acha-se um escudo armoriado, de metal, tendo em roda esta inscripção: *No anno de 1590 mandou fazer este livro a sr.ª Dona Guiomar Detaide abadesa. O é da ultima palavra está incluso no d.*

(Continúa).

SOSA VITERBO.



Bibliographia

Lembram-se os nossos leitores d'essa ideal artista que ha cerca de tres annos esteve entre nós, e que se chamava Wanda Landowska? Para muitos decerto, os primores que ella nos traduzia, ora no piano, ora no cravo, foram uma verdadeira surpresa, uma verdadeira novidade; para outros foi talvez uma audacia a exhumação d'aquellas velharias, tão em desaccôrdo com os pontos de vista estheticos da hora actual. Mas poucos terão sido os que conseguiram subtrahir-se ao encanto e poesia que se evola da profunda e sincera arte de Wanda Landowska.



Propagandista estrena das obras primas do passado, a formosa artista tomou sobre os hombros uma ardua empreza, ardua sobretudo no momento em que a arte parece querer declaradamente enveredar para as sonoridades violentas e para as extravagancias da fórma, em guerra aberta com a serena nobreza e com a graça inimitavel das composições dos nossos antepassados. Como luctador que sabe empregar todas as armas,

Wanda Landowska, não contente de vulgarisar pela execução um sem numero de obras dos cravistas e virginalistas dos seculos XVI e XVII, sae á estacada com um precioso voluminho, *Musique Ancienne*, em que tudo o que se refere á esthetica da musica antiga é tratado com uma justeza d'ideias, com uma consciencia d'investigação, e ao mesmo tempo com uma riqueza anedoctica que tornam a sua leitura attrahente ao mais alto ponto.

Em alguns dos seus capitulos, como *Le style, L'interprétation Le clavecin* e outros, ha um profundo interesse pedagogico; a questão dos ornamentos sobretudo, questão tão complexa para os executantes d'hoje, é tratada com uma auctoridade e com um saber, que poucos terão em tão alto grau como a talentosa artista polacca.

Outros artigos — *Les transcripteurs, La trrradition, Les virtuoses*, etc. — encantam-nos pela *verve* levemente ironica de muitos dos seus assertos.

Como reconstituição historica da arte antiga e como critica a certos desmandos da actual, o livro de Wanda Landowska tem pois duplo valor e póde dizer-se que concorre grandemente, mais até que muitas obras de maior tomo, para fazer amar e admirar o Bello, onde quer que elle se encontre, sem preoccupações de proveniencia ou de seita.



Carta das Caldas

Meu caro amigo Lambertini

Este anno reina n'estas thermas uma sem-saboria atroz, pouca gente e nenhuns divertimentos. Só no dia 16 é que principiaram os concertos da Banda da Guarda Municipal. Mais uma vez este anno o nosso amigo Tabor da foi recebido com enthusiasmo; em cada habitante tem um amigo.

Os programmas tem sido muito cuidadosos, as phantasias d'operas que mais tem agrado, são as da *Butterfly, Gioconda, Fedora, Lohengrin*, e hontem a *Walkyria*, novidade para cá, e que foi recebida com grandes applausos!!! A musica de Wagner vae entrando, devagarinho, mas vae.

Outra novidade é o quinteto Palmeiro, só no nome, que tem agrado com a maxima justiça. Os programmas são variadissimos, e bellamente executados.

Ha muitos annos não vem um grupo musical que agradasse tanto! Temos ouvido obras de Massenet, Schubert, Saint-Saens,

Wagner, Charpentier, Verdi, Mascagni, etc. Fazem parte do grupo os seguintes artistas:

Umberto Gonsalez, de Madrid (violino), Setrer Araujo (viola), Monterat Gilló, de Barcelona (violoncello), Filippe da Silva (contrabaixo) e Theophilo Russel (pianista).

Tem havido solos de violino, de violoncello e d'aquí a pouco tempo de piano.

Breve realisa este grupo a sua festa artistica com um programma magnifico

A 29 no theatro *Pinheiro Chagas* concerto pelo barytono portuguez Arthur Trindade, que já conta para a sua festa com elementos de valor

No salão do *club* tem-se feito ouvir a Ex.^{ma} Sr.^a D. Laura Madeira, uma das nossas mais distinctas amadoras, sendo applaudida.

Em arte de Beethoven é o que tem havido por aquí, não contando com os fados cantados pelas ruas depois da meia noite por finos rapazes da nossa chainada *primeira* sociedade!

Impera a civilisação!

Caldas da Rainha, 22-8-909.

A. P. S.



Variedades

A proposito do drama *Beethoven*, que ha pouco se representou no Odéon (Paris), devemos dizer que não é a primeira vez que o auctor da *Nona Symphonia* serve de protagonista a uma peça theatral, pois já em 1836 se cantou um drama lyrico, em 1 acto, de F. L. Berthé, com esse mesmo titulo.

Algumas outras peças conhecemos que tem por assumpto a vida dos musicos celestres e lembram nos as seguintes:

Cimarosa, opera comica em 2 actos, de J. N. Bouilly, musica de Nicclo Isouard, 1808.

Haydn ou o *Minueto do Boi*, comedia-anedocta em 1 acto, com cançonetes, por J. Gabriel e Wafflard, 1812.

Gretry *chez Madame Dubocage*, vaudeville em 1 acto, por * * * e Fougas, 1815.

Rossini à Paris ou *Le grand diner*, vaudeville em 1 acto, por Scribe e Mazères, 1823.

Grétry no *Parnasso*, quadro mythologico, com musica, por Chatelain, 1825.

Paganini na Alemanha, a proposito anedoctico em 1 acto, com *couplets* por Desvergers e Varin, 1831.

La chambre de Rossini, canevas á italiana, com musica nova, por Merle e Simonin, 1834.

E ultimamente o *Chopin*, de Orefice, que tem a infeliz particularidade de ser todo calcado sobre a musica de piano do celebre mestre polacco.

O mais recente specimen d'este genero é o *Manuel Garcia*, de Leopoldo Tarantini, estreado ha poucos mezes no theatro communal de Trani (Italia) e que obteve um exito bastante lisongeiro, segundo noticiam as folhas da especialidade.

*

Eram muito extravagantes os usos theatraes no principio do seculo XVIII

Os personagens mais considerados assistiam á representação no palco. As *estrelas* e os *divos* commetiam toda a casta d'inconveniencias—batiam o compasso com o sceptro ou com o leque, riam para os camarotes, toravam a sua pitada em scena, descompunham o ponto, desapertavam-se para cantar melhor e sabiam de scena muitas vezes com o fato .. na mão.

Nem tudo eram rosas no passado!

Stendhal (Henry Beyle) conta em um dos seus livros uma curiosa anedocta a proposito de Porpora, durante a sua permanencia em Vienna.

Não estava o nosso compositôr em cheiro de santidade junto de Carlos XI, cujo dilettantismo se não podia conformar com o abuso dos *trillos* que nasciam como tortulhos em toda a musica do celebre mestre napolitano.

Com muito custo e á força de valiosos empenhos conseguiu-se que a magestade austriaca auctorisasse a execução de uma oratoria de Porpora composta em sua homenagem, e se dispuzesse a ouvi-la, apesar da sua má vontade contra um estylo que elle classificava de *caprino*.

Prevenido a tempo, teve Porpora o cuidado de não pôr um unico trillo em toda a oratoria, e o imperador, encantado exclamava a cada passo:

«Já não é o mesmo homem; acabaram-se os trillos!»

Chega porém a fuga final, que começava por quatro notas trilladas, e essas, no pleno desenvolvimento da fuga, transformavam-se n'uma verdadeira catadupa de trinados, que dava a mais completa illusão d'uma symphonia d'epilepticos!

Dignou-se rir o imperador, pela primeira vez, e a fortuna de Porpora estava feita!

*

No seculo XVII o modo de marcar o compasso para dirigir a orchestra era sobremodo original e verdadeiramente pouco discreto. Consistia em bater no chão com uma bengala, e com toda a força que o regente podia empregar.

Este systema tão delicado produziu nada menos que a morte de João Baptista Lully, que, dirigindo um seu *Te-Deum* em acção de graças pelas melhoras de Luiz XIV, bateu com tanto enthusiasmo com a bengala em um pé, que teve de recolher á cama, e d'ahi para o cemiterio, pelo aggravamento da ferida.

*

Conta-se do mesmo Lully que á hora da morte se vira obrigado pelo confessôr a queimar a partitura da sua ultima opera. Fez se o auto de fé, mas dizendo-lhe o principe de Lorena que fizera um grande disparate, o moribundo voltou-se para elle e segredou-lhe: «Socegue, *Monseigneur*, tenho outra copia e mais limpa ainda».

*

Eis um annuncio que se lê no jornal *L'avant-coureur*, em um dos numeros de novembro de 1761:

«*Clavessin électrique, avec une nouvelle théorie du mécanisme et des principes de l'électricité, par le père de La Borde*».

Parece-nos que ninguem duvidará de que se trata de um cravo movido pela electricidade ..

O que se pergunta agora é a razão por que os senhores inventores do telegrapho electrico se não deram ao trabalho de lêr o livrinho, para nos dotarem com a sua invenção uns sessenta annos mais cedo.



PORTUGAL

Partiu para Munich, onde vae assistir ás representações wagnerianas, o nosso querido amigo e illustre professor portuense, sr. Ernesto Maia.

No regresso, fará um curto *séjour* em Paris, devendo encontrar-se de volta em fins do proximo mez.

*

São em extremo lisongeiras as noticias que acabamos de receber de Belem do Pará, acerca dos nossos talentosos concertistas Julio Cardona e Hernani Torres, que ali se estreiarão em julho com exito absolutamente digno de registro.

Não resistimos ao prazer de transcrever umas linhas, que dão a medida d'esse successo, e que fazem parte de um bello artigo da *Folha do Norte*. Diz este importante jornal paraense: — «Os eximios concertistas confirmaram, absolutamente, a nossa expectativa, revelando-se-nos, alem de artistas com pensamentos e ideias pessoases, proprios, manifestados sob calor d'expressão do maior poder emotivo. *virtuosi* dotados dos mais fecundos recursos technicos, como plenos senhores dos respectivos instrumentos. E alem da virtuosidade consumada e da traducção livre, eloquente e alta dos mestres, a mais perfeita probidade dramatica da execução».

Nada de *pose* ou *ficelles* para embahir os seus ouvintes. Nenhum artificio para embasbacar o publico, captando-lhe as faces sympathias por acrobacias de mau gosto, mas saboridas do vulgo indouto e ineducado, que julga pelas apparencias da gesticulação theatral, affectada e futil, mais que pela ponderação e sobriedade discreta no manejo do instrumento, cuja assenhoreação da verdade completa dispensa meneios e jogos de fogo de vistas».

Felicitando os distinctos artistas pela boa impressão deixada n'esta primeira *étape* da sua digressão, fazemos os mais sinceros votos pela continuação dos seus triumphos.

*

E' chegado o momento de adquirir os bilhetes para as representações wagnerianas de Bayreuth, se effectivamente se realisarem em 1910. Fazemos o aviso para que as pessoas, que tencionavam associar-se-nos na excursão que haviamos projectado em 1907 e o desejem fazer agora, se apressem a communicar nos qual o numero de bilhetes que desejam. Não nos encarregamos de tomar bilhete para menos de 6 representações, custando cada bilhete 120 markos.

*

Subordinada ao titulo de *A educação artistica popular*, realisou o sr. Eduardo de

Freitas uma nova conferencia nas salas do Atheneu Commercial, em 18 d'este mez.

*

Na igreja dos Martyres effectuou-se em 18 o enlace matrimonial do distincto agronomo, sr. José Victorino Gonçalves de Sousa, com a sr.^a D. Maria Luiza Portocarrero da Motta Cardoso, gentilissima filha do distincto flautista amator, sr. dr. Manuel Ferreira Cardoso.

Desejamos aos noivos todas as felicidades appeteciveis.

*

Quando um jornal apparece só de quinze em quinze dias, como esta modesta revista, não pôde aspirar ao ideal de dar sempre noticias... frescas.

Assim, não será novidade para muitos dos nossos leitores a composição da futura Companhia de S. Carlos; se a damos *in extenso*, não é com a pretensão de dar novidade, mas simplesmente por dever d'officio.

Começará a época, como o anno passado, por uma serie de recitas francezas, sob a direcção de Leroux, o auctor do *Chemineau*.

Alem d'esta peça e da *Reine Fiammette* do mesmo compositor, cantar se-hão *Thérèse* e *Navarraise* de Massenet, *Fortunio* d'André Messager, *La Légende du pont d'Argentan* de Fourrain, e outras operas do melhor repertorio francez, sendo interpretes as sr.^{as} Grenville, Vallandri, Héglon, Berk, Delrue, Gustin, Renaux e os cantores Lequien, Dangés, Gilly, Monteux, Viaud, Rigaux e Delpany.

Abrija o theatro em meados de novembro com essa Companhia, seguindo se no decurso do mez seguinte a Companhia italiana, que contará alem dos artistas aqui mencionados o mez passado, as *prime-donne*: — Dina Borghi, Giovanna e Martha Morini, Carmen Toschi, Maria Gay, Favi, etc.. e os srs. Paggi, Galleffi, Favi, Niola, Ottoboni, Dammacco e Brillì.

Entre as obras do projectado elenco, contam se a *Willy* de Catalani e *Hansel und Gretel* de Humperdinck.

*

Partiu para Bolonha (Italia), onde tenciona conservar-se um mez, o distincto professor de canto Francisco Codivilla.

ESTRANGEIRO

O nosso conhecido Harold Baur deu agora concertos em San Sebastian.

A época musical tem sido ali particularmente brilhante, havendo projecto de magnificos concertos wagnerianos, em que devem tomar parte os mais celebres artistas de canto.

*

Em 18 d'este mez fez oitenta annos que se cantou pela primeira vez o *Guilherme Tell*.

*

Na casa do famoso *luthier* de Berlim, Robert Beyer, estão expostos dois soberbos exemplares de Stradivarius, com o respectivo preço marcado de 21 e 25 contos de réis.

E pensar que temos dois aqui ao pé da porta, á razão de 20.000 réis cada um!!

*

Na vespera de 31 de julho ultimo, vigesimo terceiro anniversario da morte de Liszt, realisou-se em Bayreuth uma festa em homenagem á memoria do grande artista.

O programma comprehendia tres poemas symphonicos de Liszt. *Préludes*, *Mazepa* e *Tasso*, o *Siefried Ljyll* de Wagner e a *Morte e Transfiguração* de Strauss.

Foi a orchestra philarmonica de Nuremberg, com um pessoal de setenta musicos, que interpretou essas obras.

*

No ultimo concurso Sonzogno, para librettos d'opera, teve uma menção honrosa a *Montanha negra* de Saverio Kambo. A casa Sonzogno adquiriu a propriedade d'essa obra e confiou a composição da musica ao maestro Pasquale La Rotella, que prometeu concluil'a para a época de 1910-11.

*

Diz-se que a Patti vendeu a larynge aos americanos por 100 contos de réis

Não pômos as mãos no fogo pela noticia, que de mais a mais vem de jornaes americanos ..

*

Uma das novidades para este anno na Opera de Paris é a *Fille de Ramsès* de Paul Vidal.

*

O pianista Enrico Toselli, esposo da ex-princeza de Saxe, está compondo uma opera com o titulo de *Léa*.

Augusto d'Aquino

RUA DOS CORREEIROS, 92

Agencia Internacional de Expedições

Com serviços combinados
para a Importação de generos estrangeiros

SUCCURSAL DA CASA

CARL LASSEN, ASIAHAUS

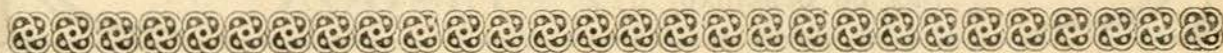
HAMBURGO, 8

AGENTES EM : — Anvers—Havre—Paris—Londres—Liverpool—New-York

Embarques para as Colonias, Brazil, Estrangeiro, etc.

Telephone n.º 986.

End. tel. CARLASSEN—LISBOA



GAVEAU Grande Fabrica
DE
PIANOS

SÉDE SOCIAL: 45 e 47, Rua La Boetie—PARIS

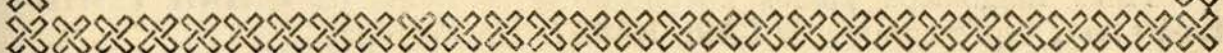
OFFICINA MODELO: Fontenay-sur-Bois (Seine)

Hors Concours: Barcelona (1888)—Moscow (1891)—Chicago (1893)—
Amsterdam (1895)—Paris (1900).

Diplomas d'Houora: Amsterdam (.883)—Antuerpia (1885)—Bruxellas
(1888)

Grand Prix: Hanoi (1893)—Liège (1905).

Na Casa Lambertini encontra se sempre um varia lo sortimento de
x x pianos d'esta reputada fabrica x x



* A. HARTRODT *

Agencia de Transportes Internacionaes

Despachos e Seguros Maritimos

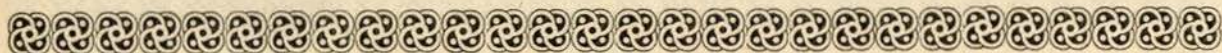
CASAS PRINCIPAES : HAMBURGO e LONDRES

Succursaes : ANVERS (Antuerpia), BREMEN, LIVERPOOL, GENOVA, GOTHENBURGO, LEIPZIG e LUBECK

Recommenda aos importadores portuguezes os seus serviços d'expedições em grupagem, para Lisboa, Porto, Madeira, Ilhas e Colonias portuguezas, de qualquer dos portos acima.—Todas as informações relativas a serviços de transportes, despachos e seguros, seja para importação ou para exportação de mercadorias, são promptamente fornecidas o quem as sollicitar ao seu agente em Portugal:

JOSÉ ANTONIO MARTINS

Rua do Crucifixo, 8, 2.º — LISBOA



Carl Hardt



== Fabrica de Pianos == Stuttgart

A casa **CARL HARDT**, fundada em 1855, não constroe senão pianos de primeira ordem, a tres cordas, armados em ferro bronzado e a cordas cruzadas, segundo o *systema americano*.

Os pianos de **CARL HARDT**, distinguem-se por um trabalho solido e consciencioso; a sonoridade é brilhante e sympathica, o teclado muito elastico, a repetição facil e o machinismo aperfeiçoado; conservam admiravelmente a afinação, e a construcção é cuidada de fórma a resistir a todos os climas.

A casa **CARL HARDT**, obteve recompensa nas seguintes exposições:—Londres, 1862 (*diploma d'honra*); Paris, 1867; Vienna, 1873 (*medalha de progresso, a maior dintincção concedida*); Santiago, 1875; Stuttgart, 1881; etc., etc.

Estes magnificos pianos encontram-se á venda na **Casa Lambertini**, representante de **CARL HARDT**, em Portugal.

Lambertini

REPRESENTANTE

DOS

Editores Francezes

Edições economicas de Ricordi,
Peters, Breitkopf, Litolf, Stein-
gräber, etc.

Partituras
de Operas
antigas e modernas
para piano e para canto

Leitura Musical

POR ASSIGNATURA

500 réis mensaes

(Peçam-se catalogos)

PAPEL DE MUSICA FRANCEZ

DE

Superior Qualidade



Pianos das principaes fabricas: **Bechstein, Pleyel, Gaveau, Hardt, Bord, Otto**, etc. x x

MUSICA dos principaes editores — **Edições economicas** — Aluguel de musica. x

Instrumentos diversos, taes como: **Bandolins, violinos, flautas, ocarinas**, etc.

PEÇAM-SE OS CATALOGOS



Praça dos Restauradores

Professores de musica

- Adella Heinz**, professora de piano, *Rua de S. Bento, 56, 1.º E.*
- Alberto Sarti**, professor de canto, *Rua Castilho, 34, 2.º*
- Alexandre Oliveira**, professor de bandolim, *Rua da Fé, 48, 2.º*
- Alexandre Rey Colaço**, professor de piano, *R. N de S. Francisco de Paula, 48*
- Alfredo Mantua**, professor de bandolim, *Calçada do Forno do Tijolo, 32, 4.º*
- Antonio Soller**, professor de piano, *Rua Malmerendas, 32, PORTO.*
- Carlos Gonçalves**, professor de piano, *Rua do Monte Olivete, 2, C, 2.º*
- Carolina Palhares**, professora de canto, *C. do Marquez d'Abrantes, 10, 3.º E.*
- Eduardo Nicolai**, professor de violino, *informa se na casa LAMBERTINI*
- Elisabeth Von Stein**, professora de violoncello, *R. S. Sebastião das Taipas, 75, 3.º D.*
- Ernesto Vieira**, *Rua de Santa Martha, 232, A*
- Francisco Bahia**, professor de piano, *R. Luiz de Camões, 71.*
- Francisco Benetó**, professor de violino, *Costa do Castello, 46.*
- Guilhermira Callado**, prof. de piano e bandolim, *R Paschoal de Mello, 131, 2.º. D.*
- Joaquim A. Martins Junior**, prof. de cornetim, *R. das Salgadeiras 48, 1.º*
- José Henrique dos Santos**, prof. de violoncello, *T. do Moimho de Vento, 17, 2.º*
- Julieta Hirsch Penha**, profes.ª de canto, *T Santa Quiteria, rua Particular, 5, 1.º*
- Léon Jamet**, professor de piano, órgão e canto, *Travessa de S Marçal, 44, 2.º*
- Lucila Moreira**, professora de musica e piano, *Avenida da Liberdade, 212, 4.º D.*
- M.ª Sanguinetti**, professora de canto, *R da Penha de França, 4, 3.º*
- Manuel Gomes**, professor de bandolim e guitarra, *Rua das Atafonas, 31, 3.º*
- Marcos Garin**, professor de piano, *C da Estrella, 20, 3.º*
- Maria Margarida Franco**, professora de piano, *Rua Formosa, 17, 1.º*
- Philomena Rocha**, professora de piano, *Rua D. Carlos I, 144, 3.º*
- Rodrigo da Fonseca**, professor de piano e harpa, *Rua de S. Bento, 47, 2.º, E.*

A ARTE MUSICAL

Preço por assignatura semestral
Pagamento adiantado

Em Portugal e Colonias	1\$200 réis
No Brazil (moeda forte)	1\$800 "
Estrangeiro	Fr. 8

Preço avulso 100 réis

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Redacção e Administração

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 43 a 49 — Lisboa